

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

**UMA JANE EYRE PRISMÁTICA: UMA ANÁLISE DE
CONSTRUÇÃO DA PROTAGONISTA A PARTIR DA
ESTRUTURAÇÃO DAS PERSONAGENS HELEN BURNS E
BERTHA MASON-ROCHESTER**

SÃO CRISTÓVÃO

2022

THAIS DE MELO FERREIRA

**UMA JANE EYRE PRISMÁTICA: UMA ANÁLISE DE
CONSTRUÇÃO DA PROTAGONISTA A PARTIR DA
ESTRUTURAÇÃO DAS PERSONAGENS HELEN BURNS E
BERTHA MASON-ROCHESTER**

Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II), apresentado ao curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Letras Português-Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Amália Vargas Façanha

SÃO CRISTÓVÃO

2022

UMA JANE EYRE PRISMÁTICA: UMA ANÁLISE DE CONSTRUÇÃO DA PROTAGONISTA A PARTIR DA ESTRUTURAÇÃO DAS PERSONAGENS HELEN BURNS E BERTHA MASON-ROCHESTER¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar um estudo sobre o complexo desenvolvimento emocional e social da protagonista do romance "Jane Eyre: uma autobiografia" (1847), a partir da construção das personagens femininas Helen Burns e Bertha Mason-Rochester, bem como a relação destas com a heroína. Para tanto, foram necessárias leituras do já mencionado livro, de elementos biográficos da autora e de trabalhos acadêmicos relevantes à discussão. Isto posto, foi possível observar que as referidas personagens funcionam como “duplos” extremados de Jane, sendo que a mais jovem representa um modelo relativo à religião e ao papel da mulher vitoriana a ser almejado; enquanto que a segunda mulher corresponde aos aspectos mais violentos da protagonista, que devem ser corrigidos. Os resultados demonstraram que a personagem-título não poderia atingir seu amadurecimento pleno optando somente por seguir os passos de uma ou de outra de suas “duplas”; foi necessário que Jane Eyre convivesse e aprendesse com elas em períodos distintos da vida. E, em última instância, entendemos que essas mulheres, obrigatoriamente, precisavam ser destruídas para que a heroína pudesse emergir como um indivíduo que ascendeu social e emocionalmente.

Palavras-chave: Análise de personagem; prisma; narrador-protagonista; “o duplo”; extremos.

ABSTRACT

This article aims to present a study on the complex emotional and social development of the protagonist of the novel "Jane Eyre: an autobiography" (1847). From the construction of the female characters Helen Burns and Bertha Mason-Rochester, as well as their relationship with the hero. For that, it was necessary to read the aforementioned book, biographical elements of the author and academic works relevant to the discussion. That being said, it was possible to observe that the aforementioned characters function as extreme “doubles” of Jane. The youngest one represents a model related to religion and the role of the Victorian woman to be pursued, while the second woman corresponds to the most violent aspects of the protagonist that must be corrected. The results showed that the title-character could not reach her full maturity, choosing only to follow in the footsteps of one or another of her "doubles", it was necessary for Jane to live with and learn with them in different periods of her life. And, ultimately, we understand that those women had to be destroyed in order for the hero to emerge as an individual who ascended socially and emotionally.

Keywords: Character analysis; prism; narrator-protagonist; “the double”; extremes.

¹ Thais de Melo Ferreira, graduanda em Letras Português/Inglês na Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: thaismelof856@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No livro publicado por Charlotte Brontë em 1847, *Jane Eyre* é uma órfã indesejada que desde muito cedo teve que aprender sozinha que, em seu tempo, um pesado conjunto de regras rígidas comandava a sociedade vitoriana. Essas regras determinavam como as pessoas se comportavam, estratos sociais, religião e papéis de gênero. Logo, não demorou muito para que a menina percebesse que, para pertencer à sociedade vitoriana, precisaria aprender esse modelo de regras. Entretanto, nenhum modelo social é perfeito ou isento de contradições ou injustiças. E a protagonista também observou essas contradições; o que, por sua vez, a colocou em diversas situações conflituosas com quase ou sem nenhum tipo de orientação.

Dito isso, é importante salientar que este romance de formação, escrito por Brontë, foi construído tomando como ferramenta o narrador do tipo protagonista. Sendo assim, para Leite (1987), quem “conta” a “história” é a personagem-título, Jane Eyre, e isso significa que tudo que nós, leitores, vamos encontrar ao longo de suas páginas foi vivido, observado, interpretado, digerido, depois escrito e reescrito por essa personagem em sua “autobiografia” algumas décadas após os acontecimentos narrados. Além disso, podemos acrescentar que algumas das mais marcantes personagens femininas e masculinas que poderiam confrontar a versão entregue a nós pela preceptora estão mortos (Bertha Mason-Rochester e Helen Burns), ou geograficamente distantes (St. John Rivers) ou estão afetivamente ligados a ela (Sr. Rochester).

Contudo, a construção dessas personagens “revelam facetas” da jovem que talvez nem mesmo Eyre, a narradora protagonista, pretendesse construir ao finalizar seu último parágrafo. Em outras palavras, entendemos que a interação entre essas personagens com a protagonista pode ser equiparada à imagem de um prisma transparente atingido por um feixe de luz branca. Como aponta Lima (2007), essa luz, ao percorrer o sólido geométrico, se dispersará em velocidade reduzida, provocando um leque de cores – ou de interpretações, por assim dizer, acerca do desenvolvimento da personagem-título.

Este trabalho buscará argumentar sobre a construção da personagem-título sob a ótica de um “prisma”. Dessa maneira, contribuirá como mais uma possibilidade de estudo e debate dentro de uma enorme variedade de trabalhos desenvolvidos ao longo das décadas sobre “*Jane Eyre*: uma autobiografia” e sua escritora Charlotte Brontë. Tanto a obra quanto a autora e seu período social e histórico são figuras emblemáticas para entendermos a literatura inglesa do século XIX. Assim sendo, considerando a localidade

em que este trabalho será confeccionado, acreditamos que a comunidade acadêmica, em especial os estudantes interessados em literatura, possam se beneficiar das discussões feitas para desenvolverem seus próprios trabalhos no futuro.

O objetivo deste estudo é analisar as criações das personagens femininas Helen Burns e Bertha Mason-Rochester que, ao longo da obra, contribuem para o complexo desenvolvimento da heroína, Jane Eyre. Para tal fim, foi necessário apresentar um breve resumo acerca do enredo do livro, bem como alguns aspectos biográficos da escritora relevantes à discussão. Também foi explorado o tipo de narrador escolhido pela autora, o qual está diretamente ligado, não apenas à criação de suas personagens e de sua protagonista, como também à construção de contextos sócio-históricos.

Além disso, conceituou-se tanto a ideia do “prisma” quanto a ideia do “duplo” na literatura, com a finalidade de debater as diversas “faces do prisma” que Jane Eyre reflete ao interagir com alguns personagens-chave que contribuem para a construção da preceptora, as quais estão presentes em determinados cenários do livro, sendo eles, por ordem de aparição: Helen Burns na instituição de Lowood e Bertha Mason-Rochester localizada em Thornfield Hall.

Portanto, para o presente trabalho de conclusão de curso foi utilizado o método de pesquisa descritiva-exploratória (OLIVEIRA, 2011) com o intuito de investigar as possibilidades interpretativas da obra literária: “Jane Eyre: uma autobiografia”, de 1847. Para tanto, a pesquisa foi baseada em autores que dedicaram seus esforços sobre a análise desse romance vitoriano e que elaboraram escritos correlacionados com as discussões propostas, como por exemplo Elisabeth Bronfen (1992), James Canton et al. (2016), entre outros. Assim sendo, a presente análise terá um caráter qualitativo, com ênfase na leitura tanto do livro de Charlotte Brontë quanto de textos acadêmicos-científicos. Na seção 2 deste estudo, são apresentados conceitos de personagem, narrador-protagonista e “o duplo”, bem como são destacados o contexto histórico e determinadas semelhanças biográficas entre a personagem e sua escritora. Já na seção 3, as personagens principais são analisadas com os recursos já levantados na seção anterior; somados a imagem de um prisma – com o intuito de discutir os temas: religião, violência e morte.

2. DUPLAMENTE NARRADORA E PERSONAGEM

Em “Jane Eyre: uma autobiografia”, acompanhamos os difíceis anos de formação de uma órfã até a idade adulta, dentro do rígido período vitoriano. Estas primeiras

reflexões não podem abarcar a importância da obra de Brontë, mas buscam destacar pontos que são abordados neste estudo, referentes à obra: enredo, personagens, tipo de narradora e contexto sócio-político. Iniciamos com o seguinte questionamento: o que teria em “Jane Eyre: uma autobiografia” para ter sido um sucesso editorial em sua época e ter sobrevivido ao tempo, uma vez que romances de formação e/ou histórias sobre órfãos e seus infortúnios no século XIX já não eram tão incomuns?

A “grandeza” de Jane Eyre reside, justamente, em uma série de fatores que contribuíram para tal. O primeiro deles, é o fato de a autora ter escolhido escrever sobre uma mulher órfã. E, ao fazê-lo, expôs para seu público-leitor a condição subalterna e precária das mulheres vitorianas através dos anos. Segundo Monteiro (apud KURTZ, 2019, p. 1), “a rainha Vitória ‘atribuía o sucesso do seu reinado à moralidade da corte e à harmonia da vida doméstica’, entendendo o movimento em defesa dos Direitos da Mulher, “como uma ameaça à virtude do sexo ‘frágil’”. Essa perspectiva tradicionalista da monarca contribuiu para, ao longo do seu reinado, uma acentuada repressão sobre as mulheres. Isso porque elas estavam restritas ao espaço doméstico, à família e ao marido, com pouco ou nenhum acesso à educação formal, o que as impossibilitou galgar outras posições sociais. E, além disso, vivia-se sob um sistema religioso conservador.

Ao mesmo tempo de sua publicação, pequenos movimentos feministas já emergiam reivindicando mudanças sociais, encontrando em Jane um tipo de “espelho”. Somando-se a esses aspectos, temos a escolha do narrador-protagonista, por meio do qual: “vemos tudo através da perspectiva da personagem, que, arcando com a tarefa de “conhecer-se” e expressar esse conhecimento, conduz os traços e os atributos que a presentificam e presentificam as demais personagens” (BRAIT, 1985, p. 60-61). Em outras palavras, tudo aquilo que pode ser ou não lido e depreendido neste clássico vitoriano é, sobretudo, a faceta que Jane Eyre quis revelar de si e/ou dos outros.

Tal qual a presente heroína se mostra propensa a revelações, Charlotte Brontë (1816-1855) também parece imitar a protagonista de sua obra-prima ao espelhar determinados elementos de sua própria biografia. Entretanto, ao contrário de Eyre, Brontë possuía uma família numerosa. Ela e suas irmãs mais velhas, Maria e Elizabeth, foram enviadas a um internato para meninas onde experimentam maus-tratos e privações. Em pouco tempo, essas duas irmãs faleceram em decorrência do tifo adquirido dentro da instituição. Anos depois, Charlotte se tornaria uma preceptora e também uma professora, assim como sua famosa protagonista, Jane Eyre.

Em 1842, ela e sua irmã mais nova, Emily, partem para Bruxelas para dar aulas em um internato dirigido por Constantin Héger, por quem Charlotte se apaixonou; porém, a jovem professora não pôde casar com ele, pois Héger já era casado com Claire Zoé P. Héger. De acordo com Wilks (1975 apud STEVENS, 2007, p. 7), para descrever a importância desse sentimento impossível, não somente para a vida como também para os trabalhos literários de Brontë, afirma:

Seu amor pelo professor Héger... iria transformar-se na experiência fundamental que se esconde em suas melhores criações... O Sr. Héger [era] o único homem que a havia sensibilizado de uma forma remotamente parecida com os heróis de seus primeiros escritos.

Portanto, ao colocarmos os fatos, tanto aqueles narrados por Jane Eyre quanto os que foram vividos por Charlotte Brontë, podemos entender as inspirações que temperaram os terríveis acontecimentos na Instituição de Lowood, com destaque para a juventude da personagem-título, coincidindo com as mesmas profissões de sua escritora. Além disso, podemos traçar paralelos entre a relação de Brontë com o casal Héger e a relação ficcional e condensada da protagonista e o casal Rochester-Mason.

Essas semelhanças entre as duas mulheres certamente tipificam em literatura o que se chama de romance semi-biográfico. No entanto, tais semelhanças não influem para "determinar" a trajetória de uma ou de outra, em outras palavras, não "explicam" a personagem Jane Eyre ou a escritora Charlotte Brontë. Ao contrário, essas proximidades contribuem para o enriquecimento acerca do processo criativo que proporcionou a escrita da obra literária em questão, bem como oferece material suficiente para toda uma gama de debates e interpretações que permeiam a obra e a autora.

Para além dos recursos de análise de narrador-protagonista e do momento sócio-histórico, este trabalho utiliza a ferramenta do "*doppelgänger*" ou "o duplo" para analisar suas personagens centrais. Em linhas gerais, em literatura, segundo Lellis (2021), "o duplo" pode ser entendido como uma sócia ou duplicata, podendo ser ou não de maneira contrastante, de outra personagem, no nosso caso da protagonista, Jane Eyre, possibilitando que a jovem enxergasse a si mesma em sua duplicata. Sendo assim, o "*doppelgänger*" mais imediato e largamente estudado é Bertha Mason-Rochester, a esposa louca do Sr. Rochester, como uma representação dos sentimentos mais reprimidos e mais violentos da preceptora. Entretanto, a pesquisadora Elisabeth Bronfen (1992) estendeu esse conceito alemão para Helen Burns, compreendendo a serenidade e a

conformação da menina sobre a religião e os maus-tratos vividos como atitudes que Jane deveria adotar para si ainda na infância.

3. AS PERSONAGENS PRISMÁTICAS EM JANE EYRE

Dito isso, esse estudo, busca expandir a definição de “o duplo” para abarcar as personagens Helen Burns e Bertha Mason-Rochester. Para tanto, tomamos emprestado um experimento das ciências naturais, o Prisma de Newton, no qual o físico inglês demonstrou o fenômeno chamado dispersão luminosa. Nesse fenômeno, de acordo com Lima (2007), um feixe de luz branca, ao percorrer um prisma transparente em uma sala escura, se dispersará em uma velocidade menor produzindo um arco-íris. Desse leque de cores, podemos entender como um leque de interpretações somadas aos recursos literários já mencionados contribuíram para a presente análise da protagonista e suas personagens femininas centrais.

3.1 A “PURA” HELEN BURNS

A primeira personagem que analisaremos é a residente de Lowood, Helen Burns. Esta menina, tal qual Jane, é uma órfã – descrita como sendo alguns anos mais velha que Eyre, solitária e estudiosa, muito embora seja considerada “descuidada” em suas maneiras, por suas superiores. Ao passo que a protagonista, em um primeiro momento, é vista pela instituição como bastante “aplicada”. Apesar das duas meninas apresentarem algumas semelhanças sociais, seus temperamentos e comportamentos perante as adversidades não poderiam ser mais distintos. Percebemos essas diferenças logo após a narração da excessiva punição que Burns recebe por ser considerada “desleixada” em demasia.

Helen não esboça uma reação “esperada” para uma criança castigada. Ao contrário, ela não demonstra qualquer indício de sofrimento ou humilhação; de maneira oposta, a menina suporta tudo com serenidade e coragem. Tal cena revolta a protagonista, ao mesmo tempo em que a intriga e a impressiona, o que podemos observar quando Jane expressa sua opinião para a amiga: “Se eu fosse você, não gostaria dela; eu a enfrentaria.

Se ela me batesse com aquela vara eu a arrancaria das mãos dela; e a quebraria debaixo do seu nariz." (BRONTË, 2016, pp. 81). Ao passo que Burns rebate:

É infinitamente aguentar com paciência um castigo que só atinge você, do que cometer uma ação impensada, cujas consequências atingiriam todas as pessoas que estão ligadas a você; e, além disso, a Bíblia diz que devemos pagar o mal com o bem. (BRONTË, 2016, pp. 83).

A partir desta conversa, podemos observar que, devido aos sofrimentos vividos em Gateshead, Eyre sempre está pronta para revidar verbalmente e/ou fisicamente, segundo a gravidade de seus maus-tratos. Por outro lado, Helen é guiada por sua filosofia de resignação baseada em sua fé cristã. Sendo assim, temos a primeira face do prisma a ser debatida: Burns, como um modelo religioso para Jane. Isto posto, para a criança mais velha, os constantes castigos e correções são merecidos; logo, seus corretores devem ser perdoados. Seguindo sua filosofia religiosa, o único modo de viver neste plano é admitindo seus pecados e buscando corrigi-los com afinco, pois, somente após a morte, será possível alcançar a salvação e a paz. Para uma Jane, com as memórias de suas punições tão pungentes, esta é uma perspectiva de mundo bastante difícil de entender ou seguir. Outro aspecto da importância de Helen que merece ser destacado, além da discussão e também construção da ideia de religião para a amiga, é a demonstração dos deveres esperados da mulher vitoriana. De acordo com Patrícia Carvalho Rocha (apud ROSA, 2011, pp. 11):

(...) mais do que enfocar na religião, Helen parece sinalizar para Jane, ainda que sutilmente, a carga de opressão e subjugação imputada às mulheres na sociedade, principalmente quando, discutindo o que Jane considera injustiças no tratamento com as internas, verbaliza que Jane precisa aprender a ver-se numa posição servil, pois esse será seu destino (...)

Conforme os laços de amizade entre as meninas se estreitam e os estudos de Eyre progridem, a filosofia de Helen passa não somente a ser compreendida, mas também praticada quando a protagonista sofre um castigo severo perante toda a Lowood. Ninguém poderia lhe dirigir uma palavra sequer. No entanto, apenas Helen Burns presta uma solidariedade calada à colega humilhada. A partir desse momento, Jane percebe todo o valor humano e coragem que a amiga possui e lhe transmite. Isto posto, notamos sua mudança de pensamento quando lemos:

Que sensação extraordinária esse raio de luz me trouxe! Como um novo sentimento me deu forças! Foi como se um mártir, um herói, passasse por um escravo ou vítima e transmitisse sua força a ele. Dominei a euforia que me

invadia, levantei a cabeça e sentei-me firme no banquinho. (BRONTË, 2016, pp. 99).

Com base nas semelhanças já apontadas entre as duas meninas e o convívio delas, nós podemos expandir o papel de Helen para além do papel sociorreligioso. Sendo assim, como uma segunda face do prisma, podemos entender a personagem como um “duplo” mais “brilhante”, muito embora extremado, da protagonista, em comparação com a próxima personagem a ser analisada, Bertha Mason-Rochester, que representaria os aspectos mais sombrios da heroína. Este argumento é também defendido pela pesquisadora Elisabeth Bronfen, em seu livro *Over her dead body: death, femininity and the aesthetic*, em que a autora escreve: “Helen reflete sua abnegação tímida e assustada que deve ser transformada em ousadia.” (BRONFEN, 1992, pp. 220, tradução nossa).²

Esta transformação trazida por Bronfen precisa acontecer, pois Burns não representa um modelo social positivo para Eyre, apesar de todo o seu “brilantismo” em sua coragem e em sua crença. Isso porque a personagem, como já foi apontado, acredita piamente estar errada: “Eu sou mesmo desleixada, como Miss Scatcherd disse, nunca consigo manter as coisas em ordem. Sou descuidada” (BRONTË, 2016, pp. 83).

A menina, também, provavelmente devido a sua orfandade, saúde precária e o excessivo apego à religião, vive para e em função da morte, o que provoca a sua desconexão com a realidade e o tempo presente: “Eu vivo em paz, à espera do fim.” (BRONTË, 2016, pp. 87). Enquanto que Jane é o seu oposto, com seu desejo de viver e experimentar a realidade e, além disso, ela também possui a sensação de ser injustiçada constantemente. Portanto, para que o processo de amadurecimento social da protagonista se consolide, Helen precisa não somente morrer como também ser destruída, pois, segundo Bronfen (1992, pp. 222, tradução nossa)³, ao demonstrar a importância da morte de Burns, bem como a de Bertha Mason-Rochester, afirma:

Precisamente em virtude de suas respectivas mortes, Jane pode triunfar sobre seus impulsos agressivos dirigidos internamente e externamente. Esses 'sacrifícios' permitem que ela exteriorize com segurança sua própria propensão à destruição, concentrando sua própria violência nessas duas 'vítimas' ou versões extremas de si mesma, e enterrando-a junto com cada um dos dois cadáveres femininos.

² No original: Helen reflects her shy, frightened self-abnegation which must be transformed to boldness.

³ No original: Precisely by virtue of their respective deaths, Jane can triumph over her inwardly and outwardly directed aggressive impulses. These 'sacrifices' allow her to externalize securely her own proclivity towards destruction by focusing her own violence on these two 'victims' or extreme versions of herself, and burying it along with each of the two feminine corpses.

A partir da amizade com Helen, bem como a sua morte e o sentimento de luto, Jane utilizará essas experiências para compreender melhor os subsequentes sofrimentos e as dificuldades da vida, como também buscará lidar com eles de maneira mais tolerante. Por causa da morte da amiga, a protagonista também irá adquirir bagagem emocional para entender as mortes de sua tia e primo, tal qual a morte de Bertha Mason-Rochester. Conforme Rosa (2011, pp. 12) aponta: “Jane aprenderá a controlar seus sentimentos e não agir por impulso, o que virá a ajudá-la mais tarde durante os momentos em que passará por situações extremamente difíceis.”

3.2 A “CONDENADA” BERTHA MASON-ROCHESTER

Bertha Mason-Rochester é um daqueles poucos personagens da história da literatura que não precisam necessariamente aparecer ou falar muito para que tenha uma importância fundamental, tanto para a história quanto para o protagonista, como é o caso da personagem-título Jane Eyre. Isso acontece porque esta personagem, tal qual Helen Burns, comporta-se também como um prisma que, a depender do foco ou “luz” de estudo que incidimos sobre ela, outras luzes podem se derramar sobre uma de suas várias faces. E ainda podemos acrescentar que, além de Mason-Rochester ser um prisma, ela também está emaranhada em um novelo de informações, no mínimo duvidosas, sobre seu passado e estado mental.

A primeira face do prisma e a mais imediata conclusão que podemos ter sobre Bertha é o retrato apresentado pelo Senhor Rochester, seu marido. Ele diz que Mason é louca e violenta, por isso a encarcerou em segredo de seus amigos, parentes e até mesmo de seus criados, pois nem mesmo a Sra. Poole, sua cuidadora, não sabia exatamente quem era aquela mulher ou que tipo de vínculo ela possuía com seu patrão. Como podemos ler quando o Sr. Rochester relata seus planos para Jane:

‘Vá, disse-me a Esperança, ‘e viva de novo na Europa: lá ninguém sabe do nome manchado que carrega, nem do fardo imundo a que está amarrado. Leve a louca junto para a Inglaterra; confine-a em Thornfield, com a devida assistência e precaução; então viaje para onde quiser, informe novas ligações onde desejar. Essa mulher, que tanto contribuiu para o seu longo sofrimento, que manchou o seu nome, ultrajou a sua honra e acabou com a sua juventude, não é sua esposa, nem você é seu marido. Cuide para que seja tratada como exige o seu estado e terá feito tudo que Deus e a humanidade exige de você. Deixe que caia no esquecimento e sua identidade e a sua ligação com você, não

é obrigado a dividi-las com nenhum ser vivo. Cerque-a de conforto e segurança, esconda a sua degradação, e deixe-a.' (BRONTË, 2016, pp. 441).

Além disso, Rochester nos revela que somente se casou precocemente com a mulher por ter sido enganado por sua própria família, por Bertha e a família dela. Isso porque ninguém o avisou da loucura violenta de sua futura esposa. Tudo não passara de uma armadilha para conseguir mais terras, dinheiro e nobreza em que o “ingênuo e imaturo” Rochester caiu e, mais tarde, revelou-se um fracasso financeiro para ambas as famílias, pois, segundo Rochester: “Meu pai e meu irmão Rowland sabiam de tudo, mas pensaram apenas nas 30 mil libras e se uniram no complô contra mim.” (BRONTË, 2016, pp. 437).

Assim sendo, por ser um homem enganado e amaldiçoado, além de encarcerar a esposa, ele também se sentiu no direito de ter vários relacionamentos amorosos com outras mulheres ao redor da Europa. Perceba o novelo duvidoso posto sobre a “louca”, visto que todas essas informações sobre Bertha e seu passado são dadas única e exclusivamente por Rochester. O que resulta em que, não apenas Jane Eyre como também nós, os leitores, acreditemos em suas palavras, sobre ser ele a única vítima. Isso porque, tal qual acontece com a protagonista ao longo do livro, quase todas as pessoas que poderiam refutar as afirmações dele ou estão mortas há muito tempo ou estão localizadas em outro continente. Mesmo o irmão de Mason, Richard, não tem o direito de defender-se, porque Rochester também nos faz acreditar que o homem, como já foi explicitado, também sofre do mesmo mal que a irmã, quando diz que:

O mais velho, a quem você viu (e a quem não consigo odiar apesar de abominar toda a família, pois ele tem na alma alguns lampejos de afeição, revelados no contínuo interesse que demonstra pela infeliz irmã, e também na afeição canina que um dia teve por mim) – esse provavelmente um dia ficará do mesmo estado. (BRONTË, 2016, pp. 437).

A segunda face do prisma que iremos abordar será Bertha como um duplo mais sombrio de Jane e não somente como sua antagonista ou um mero obstáculo entre a felicidade da heroína e seu pretendente. Após a leitura atenta do romance de Brontë, podemos perceber algumas semelhanças e diferenças entre as duas mulheres. Conforme aponta CANTON et al. (2016), Bertha é veementemente uma pessoa considerada desequilibrada, manifestando, sem qualquer remorso, a sua raiva e outras emoções perturbadoras à noite, principalmente. O corpo de Mason é descrito como grande e forte, enquanto o de Jane é o oposto. Como a mulher também é tratada como a um animal selvagem literalmente enjaulado por muito tempo, ela rosna e ataca quando ameaçada.

Ainda segundo CANTON et al. (2016), Eyre não é louca, mas escuta vozes, a voz de Mason, na mansão Thornfield Hall. A protagonista aprendeu a reprimir suas emoções e vontades desde a infância. Entretanto, quando castigada por sua tia e primos, as reações da criança são frequentemente comparadas a um gato selvagem. Podemos entender que Jane também passa por períodos de aprisionamentos concretos – na mansão Reed e depois no orfanato de Lowood e, também aqueles psicológicos sofridos ao longo de sua vida. Sendo assim, quando a heroína confronta seu duplo, Bertha, e enxerga naquela mulher todos os seus sentimentos e vontades externalizados e, conseqüentemente, seu resultado final: loucura e prisão, a protagonista foge de Thornfield Hall, também à noite, ao passo que, a “Louca”, permanece encarcerada. Assim, sobre a loucura de Bertha e a “duplicidade” com Jane é possível argumentar que:

A loucura de Bertha é a manifestação das limitações impostas à vida das mulheres e reflete a sensação de Jane sobre o aprisionamento que a acompanha durante toda a vida. Berta é o retrato mais extremo e literal do que ocorre com as mulheres do século XIX quando se casam e perdem sua identidade. Ela não é apenas uma metáfora, um reflexo do constrangimento e da fúria de Jane, mas também representa a "loucura" de levar uma vida de restrições. (CANTON et al. 2016, pp. 131).

A terceira e última face do prisma a ser discutida será Bertha como protagonista de sua própria tragédia. Como já foi dito, as informações acerca do passado de Mason-Rochester são duvidosas. Não podemos afirmar com total certeza se a “loucura” dela era um problema antigo ou se foi adquirida ao longo dos vários anos de encarceramento. O que não podemos negar é que a mulher foi aprisionada e apresenta comportamentos violentos sempre que ela escapa de seu quarto-prisão. Todavia, sua violência não é arbitrária ou despropositada, visto que Mason não ataca nenhum dos vários empregados de Thornfield Hall, ou a menina Adèle, nem mesmo quando ela tem a chance de ferir Jane, ela não o faz. O alvo da mulher é Rochester, seu marido, seu proprietário e também carcereiro, ele é o único motivo de ela ter sido desumanizada.

Em um primeiro momento, podemos pensar que as atitudes de Bertha são exageradas e por demais agressivas, ao passo que Rochester passa a ser a vítima. Entretanto, ao nos colocarmos no lugar da “louca”, percebemos que não teríamos um leque de ações e reações prescritas e aprovadas pelo código vitoriano. O que temos é uma mulher tentando se desvencilhar de todo tipo de amarras colocadas por seu marido. Isso porque Rochester detém todo o poder sobre ela, não somente físico, financeiro, moral e social, ele também detém o poder narrativo sobre a história de vida pregressa e atual de sua esposa.

Além disso, Mason não tem a quem recorrer ou alguém para salvá-la de sua desgraça, ao não ser ela mesma. A mulher está sozinha e desacreditada em um país e em uma cultura que não é a dela, o que provavelmente agravou seu estado psíquico fazendo que reagisse com ainda mais violência. Talvez tenha sido por isso que a única arma capaz de destruir sua prisão e seu carcereiro a um só tempo tenha sido o fogo, porque somente o fogo representa tudo o que Bertha foi, uma força da natureza.

Infelizmente, podemos inferir que quando Mason parece acreditar ter destruído tudo que lhe fazia mal, ela também percebe que também arruinou, paradoxalmente, a garantia de suas necessidades básicas, mesmo que ainda extremamente precárias: abrigo, alimentação, vestuário e segurança. Somente lhe restava a marginalidade conferida à mulheres loucas, a condenação por destruição de propriedade e por tentativa de assassinato de seu próprio esposo. Então, assume-se que foi preferível para ela mergulhar para a própria morte, como um último ato de escolha individual.

Rochester não morre, é verdade, ele sobrevive com severas sequelas físicas, pois ele ficou cego, com dificuldades motoras e com o corpo parcialmente queimado. Sequelas sociais e financeiras, visto que sua propriedade e sua fortuna foram destruídas e, conseqüentemente, sua respeitabilidade e seu poder seguiram o mesmo caminho. Este foi o último ato de Bertha: fazer de Rochester a sua imagem, colocando-o em uma espécie de “prisão” em que o antes captor se torna o capturado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente romance, analisamos um conjunto de recursos literários que contribuíram para o intrincado desenvolvimento da personagem-título. Em nossa análise, acompanhamos a transformação de uma órfã para uma preceptora; desta para uma mendiga; depois para uma herdeira e, em seguida, para uma esposa. Dentre esses mecanismos, está a escolha de um narrador do tipo protagonista que objetivou não apenas encurtar a distância entre a história e o leitor(a), como também possibilitar uma maior veracidade dos fatos narrados, muito embora este tipo de narrador não seja totalmente confiável. Outro relevante instrumento utilizado pela autora Charlotte Brontë (1816-1855) foi empregar certos elementos biográficos em sua obra ficcional, como por exemplo, a perda precoce de suas irmãs mais velhas ocorridas dentro de um internato. E

posteriormente suas experiências enquanto aluna e professora em outras instituições do mesmo tipo, etc.

Para além desses recursos já mencionados e diante das discussões feitas neste trabalho, o aspecto mais fundamental para o amadurecimento de Jane Eyre reside na construção e na relação com outras duas personagens femininas, Helen Burns e Bertha Mason-Rochester. Ambas as mulheres funcionam como duplos extremados da protagonista que, somados à imagem de um prisma, podemos abrir várias possibilidades de interpretações. A primeira personagem representa a resignação e a serenidade que Jane, ainda na infância, deveria possuir para enfrentar as adversidades ao longo de sua vida, enquanto a segunda simboliza os sentimentos e desejos violentamente reprimidos desde a mais tenra idade. Somente após o contato com essas personagens e a consequente morte delas foi possível, para a heroína, encontrar um ponto de equilíbrio entre as duas mulheres. E, por fim, consolidar seu pleno desenvolvimento emocional e social na era vitoriana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAIT, Beth. *A personagem*. — São Paulo: Ática, 1985.
- BRONFEN, Elisabeth. *Over her dead body: death, femininity and the aesthetic*. — Manchester: Manchester University Press, 1992. pp. 205 – 224.
- BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre: uma autobiografia*. Tradução e notas Doris Goettems. — Ed. bilíngue. São Paulo: Editora Landmark, 2016.
- CANTON, James, et al. *O livro da literatura*. — 1ª. ed. — São Paulo: Globo, 2016. pp. 128 – 131.
- KURTZ, Karina Moraes. *Identidade e a representação do feminino em Jane Eyre: razão, emoção e opressão*. Linguagens & Cidadania, v. 21, n. esp., jan./dez. 2019. pp. 1-13. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/viewFile/39082/pdf>
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. — 3ª. ed.- São Paulo: Editora Ática. 1987.
- LIMA, Maurício Simões de. *O experimento em sala de aula como uma das formas de instrumento da aprendizagem: decomposição da luz branca*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2830/4/MSLima.pdf>

LELLIS, Marco Antônio Barbosa de. *Doppelgänger/Doppeltgänger: topoi em Siebenkäs (1796), de Jean Paul Friedrich Richter e O duplo (1846), de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/35898/1/Tese%20%20Marco%20Ant%C3%B4nio%20Barbosa%20de%20Lellis%20-%20201-2021.pdf>

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. *Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração*. Catalão: UFG, 2011. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf.

ROSA, Julia Graziela. *Era vitoriana: vozes de e em Jane Eyre*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras Português/Inglês do Curso de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); setembro 2011. Disponível em: <http://ri.uepg.br:8080/monografias/bitstream/handle/123456789/49/Julia%20Graziela%20Rosa.pdf?sequence=1>

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. *Metaficção histórica e feminismo: olhares sobre Charlotte Brontë*. Labrys: estudos feministas, v.1, pp. 1-14, jan./jun 2007. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3782/7/ARTIGO_MetaficcaoHistoriografica.pdf